



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 30/06/2017

Sudamérica alerta por fiebre aftosa en COLOMBIA	2
BRASIL.....	2
Presión a la baja persiste en el mercado	2
Retroceden valores mayorista de la carne bovina	2
ESTADOS UNIDOS SUSPENDE IMPORTACIÓN DE CARNES REFRIGERADAS	3
Se prepara una misión oficial para tratar de reabrir el mercado.....	3
Apuntan a fallas en el proceso de inspección oficial	3
Brasil analiza incorporar 1600 inspectores nuevos	3
Abscesos, vacunación contra la aftosa en el eje del problema Sugieren analizar la vacuna utilizada	4
Otras naciones refuerzan controles: CANADÁ - UE.....	5
JAMAICA aclararon que no importan carnes frescas del Brasil	6
Ministro de Agricultura estima que el impacto de la crisis será prolongado	6
Aprueban resolución que eleva sanciones a las plantas por violar leyes sanitarias.....	6
Refuerzan fiscalización por brote de aftosa en COLOMBIA	7
Mayores exportaciones de carnes en junio	7
ISRAEL realizará una auditoría en plantas frigoríficas.....	7
URUGUAY.....	8
Mercado ganadero cauto tras varias semanas de subas.....	8
Existe una coyuntura favorable para la producción ganadera	8
La gestación promedio en los vacunos llegó al 77,8%	10
PARAGUAY	11
Eliminan restricción para carne a Chile	11
Resaltan presencia de la carne paraguaya en mercado taiwanés.....	11
UNIÓN EUROPEA	11
Ganaderos irlandeses contra UE – Mercosur después de la medida aplicada por USDA a Brasil	11
ESTADOS UNIDOS	12
Prohibición al ingreso de carnes bovinas frescas procedentes de BRASIL	12
Ganado en feed lots aumentarían existencias en agosto	12
Impacto de las exportaciones hacia CHINA	13
Buenas perspectivas para los ganaderos estadounidenses	13
Principales abastecedores compiten por la carne de origen estadounidense	14
JAPON: suben precios de las carnes origen americano.....	15
USMEF organiza evento de promoción en Milán, ITALIA.....	15
INDIA – Medida prohibiendo comercialización de Ganado para faena.....	16
Revisarán la medida	16
Primer Ministro condena violencia luego del linchamiento de una persona acusada de consumir carne bovina.....	17
Impacto sobre el resto de los exportadores de carnes bovinas del mundo	18
VARIOS	18
COREA DEL SUR: importante aumento de las importaciones a mayo de 2017	18
ZIMBABWE brote de aftosa impide las exportaciones.....	18
EMPRESARIAS	19
BRF y Minerva evaluarán nuevas inversiones en el sector	19
JBS crea un comité ejecutivo ante presión del BNDES	19
JBS cuestiona la medida judicial que impide la venta de activos	19
Walmart lanzó programa AAA Angus Beef en CANADÁ	20
ABC News habría llegado a un acuerdo extra-judicial con la empresa estadounidense BPI.....	20
URUGUAY Frigorífico Florida estima retomar sus faenas en diciembre	20



Sudamérica alerta por fiebre aftosa en COLOMBIA

26/06/2017 - Colombia notificó a la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) el primer foco de fiebre aftosa desde 2009, cuando fue reconocido por este organismo como país libre de la enfermedad con vacunación.

El foco habría comenzado el domingo 11 y se constataron 7 animales enfermos sobre una población en el establecimiento de 136 cabezas. Se trata de ganado de carne, fundamentalmente de vacas de entre 2 y 3 años de edad; el foco se registró en la localidad de Arauca.

Las autoridades del Instituto Colombiano Agropecuario informaron a la OIE que comprobaron por pruebas de laboratorio que el foco fue causado por virus O, en una zona donde existe una cobertura de vacunación considerada alta y que incluso el predio afectado está con la vacunación vigente contra la enfermedad. Aún se desconoce el origen del foco.

El ministro de Agricultura de Colombia, Aurelio Iragorri, afirmó que el foco está localizado únicamente en Tamé, en el municipio de Araurca, buscando paliar el impacto del caso sobre la exportación de carne colombiana, en el marco de un sector ganadero que venía creciendo.

A través de un comunicado, las autoridades sanitarias de Colombia exhortaron a los productores pecuarios que acaten las medidas para el control de la fiebre aftosa y pide que trabajen articuladamente con las autoridades, notificando las sospechas de animales con síntomas compatibles con la fiebre aftosa. Colombia tuvo su primer caso de aftosa en 1950 y en ese entonces, el origen de la enfermedad fue Venezuela, país que en los últimos años estaba teniendo problemas con la enfermedad y del que no se tiene información sanitaria de situación actualizada.

Incluso, los países del Comité Veterinario Permanente (CVP) que integran Argentina, Brasil, Uruguay, Chile, Paraguay y Bolivia, se comprometieron a ayudar a Venezuela para instrumentar y aplicar un sistema de vacunación que asegure un buen combate de la aftosa y así dejar que su sanidad no represente un riesgo para todo el Cono Sur sudamericano. Sin embargo, esa cooperación técnica no se concretó.

Sudamérica venía trabajando fuerte con la meta de erradicar la fiebre aftosa en 2020 a través de un programa específico que se impulsa a través de la Comisión Sudamericana de Fiebre Aftosa (Cosalfa), integrada por 13 países sudamericanos y que facilita el avance gradual.

BRASIL

Presión a la baja persiste en el mercado

Sexta-feira, 30 de junho de 2017 - Nova rodada de quedas para o preço do boi. Houve queda em quinze das trinta e duas regiões pesquisadas para o boi gordo na última quinta-feira (29/6).

Destaque para os recuos verificados no Pará (redução de preço em todas as praças) e em Rondônia.

Segundo levantamento da Scot Consultoria, em São Paulo, a arroba está cotada em R\$127,00, à vista, livre de Funrural. No estado, a escala de abate média atende entre cinco e seis dias.

Em curto prazo, ainda há espaço para a manutenção da pressão baixista.

Porém, o avanço do calendário deve fazer com que a oferta remanescente de gado da safra seja cada vez menor, fator que deve atuar como limitante das quedas de preço.

No mercado atacadista de carne com osso os preços ficaram estáveis, com a carcaça de bovinos castrados cotada em R\$8,90/kg.

Retrocedem valores mayorista de la carne bovina

Sexta-feira, 30 de junho de 2017 - Houve queda de preços da carne bovina no atacado sem osso.

Em junho, os comportamentos variaram de manutenção do mercado, como o que aconteceu na semana passada, a desvalorização.

No fechamento semanal, os cortes tiveram queda de 0,6% em média. A queda foi puxada principalmente pelos cortes do dianteiro, com recuo de 1,1%.

Desde o começo do mês a queda na média de todos os cortes analisados foi de 1,8%, sendo que os preços dos cortes do traseiro caíram em média 2,2%, enquanto que para os do dianteiro, a queda foi de 0,4%, o que mostra a preferência pelos cortes de menor valor agregado e, portanto, mais demandado em período de renda restrita com o atual.

O filé mignon com cordão, por exemplo, caiu no período 3,8% em um mês e está cotado em R\$29,63/kg.

As indústrias, porém, em termos de margem de comercialização, têm passado boa parte do tempo sem grandes problemas.

A margem de comercialização das indústrias que fazem a desossa (diferença entre o preço que o frigorífico paga pela arroba do boi gordo e a venda da carne sem osso, couro, sebo, miúdos e subprodutos) atualmente está em 36,3%, valor historicamente elevado.



Este cenário é resultado da maior queda do boi gordo frente aos produtos vendidos. Em curto prazo fica a expectativa quanto à entrada do mês quando normalmente acontece uma maior procura do varejo para repor seus estoques.

ESTADOS UNIDOS SUSPENDE IMPORTACIÓN DE CARNES REFRIGERADAS

Se prepara una misión oficial para tratar de reabrir el mercado

28/06/17 - por Equipe BeefPoint Uma missão técnica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) vai aos Estados Unidos no início de julho para discutir o fim da suspensão da compra da carne bovina in natura brasileira, anunciada na última quinta-feira (22). A informação foi dada nesta terça-feira (27) pelo secretário de Defesa Agropecuária do ministério, Luiz Eduardo Rangel.

Carta com respostas aos americanos está sendo preparada pela equipe técnica e deve ser concluída até o fim de semana. Somente após o retorno da missão é que o ministro Blairo Maggi vai aos EUA para tratar sobre o assunto pessoalmente com o secretário de Agricultura do governo Trump, Sonny Perdue. Rangel disse que o processo para reverter a decisão do governo norte-americano de suspender a compra da carne bovina fresca brasileira deve demorar pelo menos um mês, a partir da data do anúncio da restrição. Por conta do feriado de 4 de julho (data da independência americana), os técnicos do Mapa não poderão embarcar no início da semana que vem, como pretendiam.

Rangel disse que o processo é um pouco lento em função dos ritos que devem ser seguidos. Lembrou que, após o anúncio da Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, foram gastos semanas para levantar a suspensão em alguns mercados. "Naquele caso, o fechamento foi muito mais por um efeito midiático do que técnico", observou.

Na última sexta-feira (23), o Mapa determinou mudanças na inspeção da carne brasileira exportada para todos os países. Durante coletiva à imprensa, o secretário-executivo do Ministério, Eumar Novacki, enfatizou que todos os cortes dianteiros de bovinos serão fatiados antes do embarque para evitar problemas como os que foram alegados pelos americanos para determinar a suspensão da compra da carne brasileira.

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Apuntan a fallas en el proceso de inspección oficial

27/06/17 - por Equipe BeefPoint O Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais Federais Agropecuários (Anffa) reforçou suas antigas críticas sobre os cortes de verbas e falta de equipe após os Estados Unidos suspenderem a compra de carne bovina in natura do Brasil na semana passada, alegando terem encontrado abscessos na carne e indícios de falência sistemática das inspeções.

A suspensão, somada à revelação de que a União Europeia encontrou as bactérias E.coli e salmonela na carne bovina e de frango exportadas pelo Brasil, foi o mais recente abalo para um importante setor da economia agrícola do país.

O presidente da Anffa, Maurício Porto, disse em uma entrevista que o número de inspetores do país caiu para 2.600 ante 3.200 em 2002, ainda que o número de unidades processadoras de carne tenha mais que dobrado.

Enquanto não é anormal que sindicatos do governo reclamem sobre cortes de orçamento que diminuem suas próprias categorias, o critionismo de inspetores ganhou uma ressonância maior dados os problemas de exportação, que ocorrem após um escândalo envolvendo supostas propinas a auditores que abalou o setor em março.

"Isso pode piorar, porque mais da metade dos atuais inspetores tem tempo de trabalho suficiente para se aposentar, e é provável que eles façam isso para conseguirem condições melhores de aposentadoria antes que a reforma da previdência seja aprovada", disse Porto, referindo-se a uma proposta de reforma que é meta central do governo do presidente Michel Temer.

O Ministério da Agricultura estava ciente das críticas pelo sindicato, disse uma porta-voz, mas não tinha nenhum comentário adicional.

Fonte: Exame, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Brasil analiza incorporar 1600 inspectores nuevos

28/06/17 - por Equipe BeefPoint O governo brasileiro admitiu na terça-feira (27) que precisa de mais 1.600 fiscais em instalações frigoríficas, mas também questionou a rápida suspensão imposta pelos Estados Unidos aos embarques de carne bovina in natura.

O secretário de Defesa Agropecuária, Luis Rangel, disse que os fornecedores de carne brasileiros estão trabalhando para se adaptar a requisitos mais rigorosos do mercado norte-americano.

Rangel afirmou que alguns problemas levantados pelas autoridades de segurança alimentar dos Estados Unidos "seriam tolerados em outros mercados" e que nenhum sistema é infalível.



Rangel admitiu que há uma escassez de fiscais. Ele disse que o ministério está buscando financiamento para contratar 1.600 novos inspetores, um efetivo que representa mais de 50% do número atual de 2.800. "Estamos pedindo 1.600 vagas, e não descartamos a possibilidade de contratação emergencial, caso haja, em casos específicos, um problema mais agudo de falta de pessoas", afirmou.

"O mercado americano é o mais exigente entre os mercados que servimos, então as empresas brasileiras terão de se adaptar, terão de seguir os requisitos de forma muito rígida", disse Rangel.

Segundo o secretário, o governo já está fazendo algumas mudanças após as questões levantadas pelas autoridades dos EUA.

Fonte: Reuters, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Abscesos, vacunación contra la aftosa en el eje del problema Sugieren analizar la vacuna utilizada

26/06/17 - por Equipe BeefPoint Os abscessos, formações purulentas ou fibrosas encontradas em carnes brasileiras e que motivaram o fechamento do mercado dos Estados Unidos para o produto resultam de falhas durante a aplicação de vacinas ou na limpeza da carne, segundo a avaliação de especialistas.

Pedro de Felício, veterinário e professor aposentado da Unicamp, afirma que, após a vacinação contra a febre aftosa, o animal pode reagir com uma inflamação na área da aplicação, que dá origem ao abscesso. Partes do animal onde eles se desenvolvem devem ser eliminadas no abate. Os abscessos não tornam o consumo da carne prejudicial à saúde, diz.

Por outro lado, Angélica Pereira, professora da FMVZ (Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP), afirma que abscessos favorecem a formação de coágulos sanguíneos e proliferação de bactérias nas peças de carne que os possuem.

Como consequência, há uma redução do prazo de validade e risco para saúde do consumidor. Se houver contaminação, ele pode ter febre, vômito e diarreia, de acordo com Pereira.

Paula Spinha, professora de medicina veterinária da universidade Anhembi Morumbi, pondera que é possível que abscessos não sejam identificados mesmo durante inspeções adequadas.

"Ele pode estar no interior de um grupo muscular. "Não se retalha toda a carne durante a inspeção."

Apesar do aspecto ruim, eles não impedem o consumo do restante da carne, diz. "Eles são encapsulados pelo organismo do animal, e a bactéria não se dissemina."

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

28/06/17 - por Equipe BeefPoint A Acrimat, entidade que representa os pecuaristas de Mato Grosso, pediu nesta terça-feira (27) ao ministro Blairo Maggi que sejam analisadas amostras dos lotes de vacina contra a febre aftosa usados na última campanha de vacinação.

A entidade quer um levantamento sobre a esterilidade e a eficiência da vacina e uma avaliação da qualidade dos seus componentes.

"Temos um problema. Ele não é generalizado, mas precisamos saber onde está", diz Marco Túlio Duarte Soares, presidente da Acrimat.

O intuito, segundo Soares, é verificar se a indústria de vacina está fazendo uso "do produto mais adequado, do mais eficiente ou do mais barato".

"É preciso verificar a composição química da vacina". Existem exigências mínimas para a produção. "Qual é o padrão desse mínimo?"

"Nós, da indústria, estamos tranquilos sobre a produção, o controle e a qualidade da vacina", afirma Emílio Salani, vice-presidente do Sindan, entidade que congrega as indústrias fabricantes da vacina contra a febre aftosa.

Sobre o pedido da Acrimat ao ministério, o representante do Sindan lembra: "Ele é importante porque poderemos responder oficialmente à questão".

Soares, da Acrimat, destaca que é recomendado aos produtores que tenham todo o cuidado na higienização durante a vacinação. Segundo ele, esses cuidados podem melhorar a qualidade da carne.

Mesmo os pecuaristas que adotam as melhores práticas vêm obtendo resultados ruins quando se utilizam de determinadas vacinas.

Salani lembra que a indústria de vacina tem 100% de rastreabilidade do produto e que o governo tem 100% de controle.

"Estamos dispostos, no entanto, a sentar à mesa e discutir esse assunto com todo o setor", diz ele.

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

28/06/17 - por Equipe BeefPoint Para o Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC), o problema gerado com a suspensão das compras de carne bovina in natura, por parte dos Estados Unidos pode começar a ser resolvido com algumas medidas simples por parte do MAPA: proibição da vacinação contra febre aftosa por via intramuscular, proibição da adição de saponina na vacina, e investimentos na extensão rural.



Além disso, a redução do volume da dose de 5 para 2 ml, e a realização de testes sobre as substâncias usadas pelos fabricantes de vacinas. Todas essas ações o CNPC e outras entidades ligadas aos pecuaristas solicitam há muito tempo.

No entender do Conselho, esses seriam os primeiros passos, mas devemos continuar com o programa de retirada da vacina contra aftosa no nosso país.

Para boa parte dos pecuaristas brasileiros, os argumentos para retirada da vacina são fortes: o Brasil já possui um rebanho de 118 milhões de cabeças que não apresenta focos da doença entre e 20 anos e 24 anos.

Outros estados entre 15 anos e 20 anos sem focos atingem 41 milhões de cabeças. Além disso, o PANAFTOUSA afirma que após 4 ou 5 anos sem focos pode-se prescindir da vacina.

Trabalhos recentes feitos pelo PANAFTOUSA mostraram perdas da ordem 2 quilos de peso morto por animal, o que corresponde a 4 quilos de peso vivo que ocorre em milhões de cabeças. Alguns criadores relatam perdas ainda maiores.

Tais perdas de peso decorrem de reações inflamatórias resultantes de vacina ou da vacinação, que são provocadas por diferentes fatores e que precisam ser pesquisados. Há também a necessidade de se fazer um investimento, por parte dos laboratórios, em extensão rural, visando orientar melhor quem faz as aplicações.

Inúmeros contatos do CNPC e de outras entidades pecuárias com os laboratórios foram infrutíferos. Desde 2013, foram feitas cinco reuniões com pecuaristas, principalmente do Mato Grosso do Sul, com representantes do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal – Sindan, dos fabricantes de vacinas e também da Embrapa Gado de Corte. Nesses encontros discutiu-se o problema e ficou acertado que seriam conduzidos testes a respeito do assunto, mas nada aconteceu até agora.

Ante esse quadro que já causou grandes prejuízos aos criadores e frigoríficos brasileiros e que agora também afeta nossas exportações para o mercado norte-americano, o CNPC espera que a tão almejada retirada da vacinação realmente aconteça.

Fonte: CNPC, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Otras naciones refuerzan controles: CANADÁ - UE

By Reuters June 30, 2017 Meat-importing countries from North America to Europe and Asia have tightened inspection standards for shipments from Brazil in a bid to protect consumers, following a probe into possible corruption involving inspectors.

The Canadian Food Inspection Agency (CFIA) said on Wednesday that the tighter inspection standards it enacted in April have resulted in checks on nearly every shipment from Brazil.

The new Canadian protocols involve full inspection - including tests for pathogens and chemical residues - of all Brazilian meat imports on five consecutive shipments from each approved plant and for each product category, CFIA spokeswoman Maria Kubacki said.

Previously, CFIA conducted one full inspection randomly out of 10 consecutive shipments from each Brazilian plant.

The tougher reviews highlight concerns about the safety of Brazilian meat even among countries that still accept its products. The United States last week banned imports of fresh Brazilian beef after a high percentage of shipments failed safety checks.

Brazilian police raided the premises of global meatpacking companies JBS SA and BRF SA in March, as well as dozens of smaller rivals, over suspected bribery of health officials..

Since then, the U.S. Department of Agriculture (USDA) has re-inspected shipments of raw beef and ready-to-eat food products from Brazil and tested them for pathogens. All beef trimmings are now tested for salmonella and E. coli.

The checks have uncovered problems in fresh beef, including abscesses, blood clots, bones and lymphoid tissue, according to the USDA's Food Safety and Inspection Service

Re-inspections at U.S. ports are directed by a centralized computer database that stores past inspection results from each foreign establishment. Better-performing foreign plants are subject to less frequent re-inspections, according to the USDA.

To meet the stiffer inspection requirements from importers, Brazil has raised its own standards for meat exported from the country.

Meat-processing plants in Brazil are now blocked from shipping the front part of a cow as a whole piece, and must instead process it into cuts, a step that makes it easier to detect defects but adds cost for packers, Luis Rangel, Brazil's plant and animal health secretary, said in an interview on Tuesday.

"We had to raise the bar because of the United States, and ... you do not raise the bar for only one export market, you raise it for all of them," Rangel said. "Processing costs will rise, but that is necessary to preserve the markets."

Enforcing the higher standards is complicated, however, by a shortage of inspectors in Brazil.



In Europe, authorities now conduct physical checks of all animal-related shipments from Brazil, and perform laboratory tests on 20 percent of them, at the importers' cost, according to a document issued by the Council of the European Union on June 9.

The EU requires Brazil to conduct microbiological checks on poultry and other meats before they are shipped.

Hong Kong has since March boosted surveillance on Brazil's meat and poultry, including sampling for meat deterioration and other food safety concerns, a spokesman for Hong Kong's Center for Food Safety said. As of June 23, a total of 369 samples were tested and all were satisfactory, he said.

JAMAICA aclararon que no importan carnes frescas del Brasil

27 June 2017 - Minister of Agriculture Karl Samuda says Jamaica does not import fresh beef from Brazil and therefore does not need to consider imposing a ban.

According to The Gleaner, Mr Samuda made the statement following reports that the United States has implemented a ban on the importation of fresh beef from the South American nation due to safety concerns.

"We have done our tests; we have carried out surveys extensively and we are satisfied that our surveys carry the level of integrity that would cause us to continue to import corned beef," said Mr Samuda during a press conference on Friday.

The agriculture minister pointed out that because Jamaica does not import fresh beef from Brazil, concerns about the safety of fresh beef would not affect the island.

"So, we are not affected. This is a matter affecting fresh beef. I just want to put everybody's mind at rest. I know that there are many people who are distributors that would be concerned. It is not a matter to detain them at this time," he said.

Last Thursday, the US Department of Agriculture (USDA) ceased imports of fresh beef from Brazil, after a high percentage of shipments failed to pass safety checks.

Earlier this year, Jamaica and several countries in the region imposed a ban on the importation of corned beef from Brazil following reports that several major Brazilian meat processors were "selling rotten beef and poultry".

The ban was eventually lifted following investigations.

TheCattleSite News Desk

Ministro de Agricultura estima que el impacto de la crisis será prolongado

27/06/17 - por Equipe BeefPoint O impacto negativo da crise da JBS sobre a produção brasileira de carne terá efeito prolongado, disse o ministro da Agricultura, Blairo Maggi. "Penso que vai demorar um pouquinho para o setor se reorganizar. Até eles (JBS) voltarem a comprar mais, ou os frigoríficos que estão fechados reabrirem, vai tempo."

Ele tem conversado com donos de diversos frigoríficos que se encontram fechados, mas pensam em reabrir as portas. Essa volta à atividade, porém, não acontece da noite para o dia. Além de colocar a planta em condições físicas de operar e contratar funcionários, é preciso obter uma autorização de funcionamento do ministério. "Não é apertar um botão e sair trabalhando amanhã."

A Agricultura estrutura um plano para reorganizar o setor de frigoríficos. "Alguma coisa vai ser feita", assegurou o ministro. Porém, as opções estão em aberto. "Tem muitas peças sobre a mesa e a gente ainda precisa achar uma saída."

Uma alternativa proposta pelos produtores é a criação de uma cooperativa que reativaria pequenos frigoríficos. Maggi, porém, não se mostrou entusiasmado, apesar de considerar a ideia boa. "Essas coisas não começam grandes", comentou. "Até nascer pequeno, ganhar escala, aprender. Em um momento de crise como essa, fundar uma cooperativa e sair vendendo? Para quem?"

Na quinta-feira, o ministro conversou com o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Paulo Rabello de Castro, para pedir uma atenção especial ao setor. A oferta de linhas de crédito é considerada essencial para "manter o setor em pé", segundo explicou o secretário executivo da pasta, Eumar Novacki.

Os produtores amargam a queda nos preços da carne pela desaceleração dos abates pela JBS. Antes da crise, era possível programá-los de um dia para o outro. Agora, segundo informações que chegam ao ministério, a demora é de até três semanas.

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Aprueban resolución que eleva sanciones a las plantas por violar leyes sanitarias

29/06/17 - por Equipe BeefPoint A comissão mista que analisa a Medida Provisória 772/2017, que eleva de R\$ 15 mil para R\$ 500 mil o valor máximo de multa a ser aplicada a frigoríficos que infringirem a



legislação sanitária, aprovou nesta quarta-feira (28) relatório sobre a matéria. A MP segue agora para votação no Plenário da Câmara dos Deputados.

A MP altera a Lei 7.889/1989, que trata da inspeção sanitária e industrial de produtos de origem animal. Além da multa, a lei prevê outros tipos de penas, como advertência, apreensão de mercadorias e até interdição do estabelecimento.

O relator, senador Eduardo Amorim (PSDB-SE), acrescentou outras duas sanções às empresas que desrespeitarem a lei: cassação de registro e proibição de participar de licitações ou de receber financiamento público pelo prazo de cinco anos. Essa punição será aplicada apenas ao estabelecimento infrator, isentando o conglomerado a que pertença.

O senador justificou que, nesse caso, a punição ao grupo poderia causar "um grave desequilíbrio econômico e financeiro", com repercussões negativas para o emprego no setor.

Fonte: Agência Senado, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Refuerzan fiscalización por brote de aftosa en COLOMBIA

27/06/17 - por Equipe BeefPoint Agentes do Ministério da Agricultura (Mapa) em Roraima começaram nesta segunda-feira (26) uma fiscalização intensa contra a febre aftosa em Pacaraima, cidade brasileira que faz fronteira com a Venezuela.

A ação foi determinada por Brasília após um foco de contaminação ser identificado na fronteira entre a Venezuela e a Colômbia, a 1,2 mil quilômetros de Roraima.

"Todo carro que passar pela fronteira será inspecionado. Qualquer produto de origem animal vindo da Venezuela será apreendido e destruído", afirmou o superintendente federal de Agricultura, Plácido Alves.

Conforme o superintendente, o caso de aftosa foi confirmado na cidade de Tame, na Colômbia. Apesar da distância com Roraima, o risco de contaminação do rebanho do estado é real.

"São 1,2 mil quilômetros do foco até Roraima e 600 quilômetros até o estado do Amazonas. Só que o trecho de 1,2 mil é trafegável, existe um trânsito muito grande de carros e pessoas, e os 600 do Amazonas têm barreiras naturais, floresta, mata, têm água, então é mais difícil chegar lá", explicou.

Por um período indeterminado, todos os carros que cruzarem a fronteira da Venezuela com o Brasil serão rigorosamente fiscalizados por fiscais do Mapa.

Além do reforço das inspeções com fiscais do Mapa, agentes da Agência de Defesa (Aderr) também irão participar da ação de fiscalização no posto fixo e em rotas alternativas usadas para o transporte de produtos suspeitos.

Fonte: G1, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Mayores exportaciones de carnes en junio

Fonte: Portal DBO 27 de junho de 2017 - Até a quarta semana do mês país embarcou 12,2% a mais do que igual período no ano passado

As exportações de carne bovina in natura registraram alta nas quatro primeiras semanas de junho. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, no período, o Brasil exportou 78.900 toneladas de carne, com faturamento total de US\$ 332,4 milhões no período.

A média diária embarcada foi de 4,9 mil toneladas, uma alta de 20% em relação a maio deste ano e aumento de 12,2% em relação ao mesmo período do ano passado.

Caso o ritmo das exportações continue, o volume total embarcado pode chegar a 102.900 toneladas, uma alta de 6,5% em relação a junho de 2016.

Vale destacar que esse ano, somente em janeiro as exportações foram maiores que em igual período de 2016

ISRAEL realizará una auditoría en plantas frigoríficas

29 de junho de 2017 - Objetivo é renovar habilitações das plantas de carne bovina de cinco Estados que já exportam para o país

Uma missão veterinária de Israel chega ao Brasil na próxima segunda-feira, 3, para inspecionar frigoríficos de carne bovina em cinco estados. Serão fiscalizadas plantas no Pará, em Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, no Paraná e em São Paulo. Os dois veterinários israelenses ficam no país até 12 de julho. O objetivo da visita é a renovação das habilitações de unidades que já exportam para Israel.

Em 2016, o Brasil exportou US\$ 73 milhões em cortes de bovinos para Israel. Neste ano, de janeiro a maio, os embarques somaram US\$ 40 milhões. Quanto ao volume, em 2016, a comercialização atingiu 15 mil toneladas. Nos primeiros cinco meses de 2017, foram vendidas 8,5 mil t, segundo dados da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

O mercado israelense é importante para o Brasil, porque paga valores diferenciados pelos cortes, devido às exigências do abate kosher (kosher significa "bom" e "próprio", sendo utilizado para designar alimentos



preparados de acordo com as normas judaicas de alimentação). Os abates são feitos por contrato e apenas uma pessoa habilitada, denominada shochet, pode realizá-los.

Fonte: Mapa

URUGUAY

Mercado ganadero cauto tras varias semanas de subas

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Junio 30, 2017 La punta para el precio del novillo gordo está sólida en US\$ 3,10 el kilo

Una fuerte caída en la oferta de ganado gordo y la persistencia de la firmeza en los precios, tanto en el mercado del ganado gordo como en la reposición, caracterizan a la temprana entrada en poszafra que se ha dado en esta semana.

Es muy poca la actividad que se desarrolla ya que no queda ganado de campo y todavía no entra la oferta de ganado de praderas y verdeos.

De este modo la punta para el precio del kilo de novillo a la carne está sólida en US\$ 3,10, aunque hay operativa por novillos más regulares sobre los US\$ 3,05 el kilo.

También hay una fuerte escasez de vacas terminadas y se han concretado ventas de vacas preñadas gatilladas por los precios ofrecidos por la industria. En el caso de las vacas la referencia de precios se ubica sobre los US\$ 2,80 el kilo.

Por otra parte, en la planilla semanal de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) el precio para novillos es de US\$ 3,06, una suba de cuatro centavos respecto a la semana anterior.

Con la oferta en baja resta ver qué precios convalida la industria para hacerse con ganado.

La semana cerrada al 24 de junio se faenaron 46.648 vacunos, luego de varias semanas en el eje de las 50 mil cabezas. En el mes de julio la faena caerá por debajo de los 40 mil vacunos.

La caída principal es en vacas, que fueron 20.043, 43% del total, la menor proporción de vientres en lo que va del año. Cayó 9% en la semana y está 20% por debajo del año pasado.

En novillos totalizó 25.650 animales, 6% inferior a la semana anterior que había sido la mayor de este año pero, a diferencia de las vacas, la actividad en novillos se mantuvo 6% por encima de la misma semana de 2016.

En el mercado de reposición, la novedad de ventas de ganado en pie rumbo a Egipto y la persistencia de las ventas con destino a Turquía siguen impulsando la operativa, que tuvo en Pantalla los precios más elevados de este año en terneros, a US\$ 2,14 de promedio, y en novillos de 1 a 2 años con US\$ 1,82.

También en este caso hubo subas y los corderos quebraron las referencias de US\$ 3,30 para aproximarse a US\$ 3,35. En la planilla de Consignatarios, tanto los corderos como los borregos, corrigieron entre dos y cinco centavos por kilo, a US\$ 3,32.

La demanda de haciendas gordas continúa firme pero se hace difícil conseguir la oferta demandada.

El destaque lo llevan los precios de exportación, que la semana pasada marcaron los máximos del año. En la carne vacuna el precio de lo exportado la semana pasada fue US\$ 3.763 por tonelada, unos 400 dólares por encima del precio promedio de este año (US\$ 3.392). De ese modo el precio promedio de este año está apenas 0,4% por debajo del obtenido a esta altura de 2016.

El valor promedio de las últimas cuatro semanas fue de US\$ 3.429 por tonelada, 10% mayor a los US\$ 3.340 de igual semana pero del año 2016.

Al igual que en carne vacuna el precio de exportación de carne ovina fue récord en lo que va del año, al promediar US\$ 5.269 por tonelada, el mayor valor desde noviembre de 2015.

Significó 47% más que los US\$ 3.578 de la semana anterior y un 31% mayor que igual período pero del año anterior. En las últimas cuatro semanas móviles el precio promedio fue de US\$ 4.354.

La gran interrogante para la semana próxima está en ver si se sostienen los altos precios de exportación y la industria está dispuesta a pagar por encima de los US\$ 3,10 para hacerse de las escasas partidas de novillos bien terminados que están disponibles en estos días.

Existe una coyuntura favorable para la producción ganadera

Por Blasina y Asociados Especial para El Observador Junio 30, 2017 La ganadería uruguaya se encuentra ante un cambio de su entorno, de tal magnitud que vale la pena replantearse el objetivo de producir tres millones de terneros por año

Al empezar el año todo hacía suponer que para la ganadería uruguaya sería más de lo mismo: precio de exportación en US\$ 3.400 por tonelada, como en 2016, una producción de terneros estable en los niveles de destete de todos los años, y una competencia muy fuerte desde Brasil cuya producción va en aumento. Incluso la exportación en pie arrancó el año con dudas, como indicando que el año tal vez hasta sería más difícil que el 2016.



Sin embargo, ya desde el comienzo del año se vio que se prolongaba una situación que venía de la primavera: lluvias abundantes y una situación forrajera muy buena fueron características en el verano. Pero el azar climático por sí solo no es suficiente para cambiar profundamente un sector.

Y el precio de exportación hasta el momento no se ha movido de los US\$ 3.400 la tonelada. Sin embargo, hay razones para suponer que el precio de exportación que Uruguay logra puede subir en el segundo semestre y consolidar un buen momento para la ganadería uruguaya en base a las desgracias ajenas.

Pero factores imprevistos se sumaron para que el panorama ganadero para la segunda mitad del año sea muy distinto a lo que se podía esperar al terminar 2016.

En primer lugar, la llegada de un inversor japonés al centro del país, comprando un frigorífico de primera línea como el BPU Uruguay envió una señal a los productores: hay quienes ven un futuro promisorio en el sector cárnico uruguayo a pesar de los altos costos y todos los demás desafíos. La mirada de largo plazo de un sector cárnico sofisticado y diferenciado pareció convalidada.

Luego vino la aparente salida de India del mercado internacional por razones religiosas. Un hecho inesperado todavía a confirmarse pero que formó parte de la campaña política del presidente nacionalista hindú, Narendra Modi.

Pero lo más sorprendente y potencialmente importante es la sucesión de hechos que dañan la imagen de Brasil, el principal competidor de Uruguay en el mercado. La sucesión de Carne débil, es decir el etiquetado adulterado para vender carne que ya estaba vencida, la grabación y posterior cruce de acusaciones entre JBS y el presidente Michel Temer y la decisión de EEUU de suspender las compras de carne refrigerada de Brasil, le dejan a Uruguay la pelota picando para acentuar la diferenciación y colocar fluidamente su carne en el exterior. Y potencialmente quebrar los US\$ 3.400 por tonelada que viene recogiendo como precio desde hace más de un año.

Un buen horizonte

La situación planteada genera oportunidades de mediano plazo y la necesidad de acentuar la diferenciación de la marca país. En efecto, por un lado hay una oportunidad pero por otro lado hay un riesgo de que en los mercados de Asia se considere a la carne sudamericana como un conjunto no confiable, y Australia y EEUU recojan todos los beneficios de los problemas brasileños.

Por eso el resultado de este entorno y del que viene son de enorme importancia. Es el momento de posicionar a la carne uruguaya más que nunca, bien distinta de la brasileña y la paraguaya, más confiable por trazada y porque en Uruguay se promueve una cultura de la credibilidad.

Aunque siempre se puede esperar más, Uruguay estará generando en el próximo otoño 300 mil terneros más de los que se generaron en este otoño. Lo que implica un alivio para los invernadores que vienen castigados por la competencia de la exportación de ganado en pie y la relativa escasez de reposición. Y el desbalance entre el precio por kilo de los terneros –que supera los US\$ 2 y el precio por kilo del novillo gordo– que según la época del año oscila entre US\$ 1,50 y US\$ 1,70.

Tanto el cambio de escenario afuera como las favorables condiciones climáticas de los últimos 12 meses están generando un ambiente positivo que abre oportunidades por la certeza que brinda la exportación en pie.

Despejada esa incertidumbre, la ganadería puede estar ante un nuevo envío productivo. La elevada extracción de los últimos dos años parece asegurar una oferta moderada de ganado gordo por delante. En particular es posible que empiece un descenso estructural de la faena de vientres.

De liquidación a retención

Más allá de que a los precios actuales genera una facturación tentadora enviar una vaca preñada a frigorífico, es previsible que una mejor preñez que el año pasado y una lógica firme de precios para los terneros lleven a que la faena de vientres baje.

Eso es lo que ha pasado en las últimas cuatro semanas, tal vez anticipando que de una fase de moderada liquidación del rodeo se pase ahora a una fase de retención de vientres, que devuelva el rodeo de vacunos a los 12 millones de cabezas, o aún algo más sobre el final de esta década.

En las últimas cuatro semanas empezó a notarse un descenso significativo en la faena de vientres que puede estar indicando el comienzo de una nueva etapa. Cuatro semanas consecutivas de descenso en la cantidad de vacas faenadas, pero más importante, de descenso en la participación de las vacas en la faena parecen estar indicando el comienzo de una nueva fase. De hecho, el porcentaje de vacas faenadas la semana pasada fue el menor del año.

Todo hace pensar que si Uruguay trabaja bien la venta de carne, se abre una oportunidad importante y que se precisarán más novillos, y que los productores están actuando en consecuencia. Si se despeja la incertidumbre impositiva, podemos presenciar la persistencia de una menor oferta de vacas y de un crecimiento en la producción de terneros, ya que el próximo entorno también podría ser favorable tomando en cuenta el buen estado de los rodeos.

Tras dos años en los que un poco por clima y otro poco por baja de precios y aumento de costos los productores se mantuvieron en una lógica de cautela y el stock ganadero bajó, puede estar empezando una etapa nueva.



La posibilidad de una postzafra que tenga precios más altos y que se prolongue más que la del año pasado, una buena situación forrajera que permita recriar más a las vaquillonas y expandir nuevamente los rodeos de cría y un precio de exportación que levante de los actuales niveles, pueden permitir el comienzo de una nueva etapa para la ganadería.

Si la ganadería recibe alguna señal de estabilidad en las reglas de juego y el clima se mantiene normal, es altamente probable que la producción de terneros se vuelva a acercar a los tres millones en el mediano plazo.

Si todo sigue rodando normal en materia de clima y sin cambios de reglas de juego, pueden destetarse 2,8 millones de terneros en 2018 y 2,9 millones en 2019. Y esos novillos, ¿cuánto pueden valer con un Uruguay plenamente diferenciado en carne vacuna en 2020?

Un poco por el azar del clima, otro poco por los errores de los vecinos, por las decisiones de India y por las medidas tomadas a partir de la fiebre aftosa que han generado una credibilidad diferencial, la ganadería se encuentra ante una oportunidad muy especial de crecer en volumen y precios.

Oportunidad en Brasil

Los turistas que viajen en estas vacaciones de julio a Brasil pueden encontrarse con ofertas sorprendentes en restaurantes, por ejemplo, en Buzios. En efecto, allí los turistas son abordados y se les ofrece "carne uruguaya". Entre la rivalidad de los brasileños con los argentinos y los efectos del episodio Carne débil, las posibilidades de la carne uruguaya están latentes. Brasil ya compra piña y carne ovina de Uruguay, como rubros principales.

En la medida en que la economía brasileña mantenga una lógica de recuperación, pueden abrirse nichos, que ya están presentes pero que pueden expresar un mayor potencial en el país norteño.

En lo que va de este año, las exportaciones ya muestran un aumento en volumen y en precio. Al 17 de junio, se colocaron 6.170 toneladas de carne vacuna, que generaron US\$ 31 millones. Un aumento de 11% en volumen y de 45% en facturación, respecto al año pasado.

La gestación promedio en los vacunos llegó al 77,8%

27/06/2017 - Taller de INIA Treinta y Tres esperaba índices más altos. El 15° Taller de Evaluación de los Diagnósticos de Gestación vacuna, organizado por el Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria (INIA) Treinta y Tres, mostró un 77,8% de preñez promedio a nivel país. Ese valor promedio de 2017 contrasta con el 70,6% del año pasado, que fue bastante bajo porque el clima en algunas zonas no ayudó a preñar.

A 15 años de su creación, apuntalado por el equipo de veterinarios y por Graciela Quintans, investigadora de INIA y especialista en el sector cría, otro año más dejó como enseñanza que aún en los años donde el clima ayuda a que las vacas presenten celo, las medidas de manejo para asegurarse los terneros deben estar presentes en los predios.

El grupo de veterinarios privados que aportó la información -Gabriel García Pintos, Santiago Bordaberry, Gustavo Sacco, Pablo Nieto, Lauro Artía, Pablo Marinho y Eduardo Texeira- diagnosticó un total de 407.985 vientres, de los cuales 317.357 vientres estaban preñados al ser revisados por ecografías o tacto. A diferencia del resto del país, en Artigas y Salto el índice de preñez promedio fue de 73%, cuando el año pasado había sido de 74%. En esos departamentos, el rodeo sintió el nivel de lluvias récord y algunas categorías como las vaquillonas de sobreño las sintieron más; esos eran los vientres que se servirían en la primavera, había adelantado el veterinario Guillermo de Nava a El País meses atrás, cuando aún estaban por finalizar las ecografías. El productor se descansó en la abundancia de pasto y se llevó algunas sorpresas con los diagnósticos, explicaba De Nava (que participó durante años en los talleres de INIA). Más allá de la sorpresa en el norte del país, en el resto los resultados fueron buenos.

El cuello de botella sigue en que, por más que en Uruguay hay suficientes tecnologías de bajo costo para elevar los índices de gestación, todavía hay productores que por distintos motivos no las aplican en sus predios. Y no hace falta gastar más dinero para producir más.

Un destaque merece el caso de Rocha donde el porcentaje de gestación promedio fue 83,7% frente a 74,3% del año pasado. Según explicó a El País el Dr. Emilio Machado, esta cifra es la más alta en los 15 años que se realiza el taller. El especialista explicó que esto se debió al buen clima y al manejo de los productores "que no se descansaron en ello y le pusieron toda la dedicación".

El Dr. Machado que al igual que ha estado presente en el Taller en Treinta y Tres como desde el principio dijo que este encuentro es "el evento más importante en cría que se realiza en el país".

En Lavalleja y otros: 78,4% frente a 66% de 2016; Durazno y otros departamentos del centro: 72,9% frente a 66,9%; Cerro Largo y otros: 75% frente a 72%. Veterinarios y productores esperaban una mayor tasa de preñez a nivel país, porque en muchas zonas difícilmente vivieron un año tan bueno desde el punto de vista forrajero como este, con una primavera sobresaliente. Pero, las altas tasas esperadas no se lograron.



Los técnicos sostienen que frente a una primavera buena, con abundante producción forrajera, los productores aplicaron menos tecnologías como el destete temporario para mejorar la gestación en sus rodeos.

En la otra vereda, hay productores que capitalizaron muy bien el pasto que tenían en sus predios, logrando 3 o 4 puntos porcentuales más de preñez este año y otros que se descansaron y se llevaron sorpresas.

También es cierto que se venía arrastrando “cola de parición” (vacas que parían más tarde) de los dos entornos anteriores y eso complicó bastante en algunos casos.

En estos 15 años, el Taller de Evaluación de los Diagnósticos de Gestación Vacuna le abrió las puertas a la información y el contacto con los investigadores a los veterinarios de campo, afirmó Bordaberry, que representó al grupo de profesionales participantes en los talleres en la Mesa Redonda de Cierre, donde - una vez más- se reconoció el aporte de años de investigación del ingeniero agrónomo Jaime Rovira al sector de la cría. El taller remarcó que lo más importante es dar de comer bien a las vacas.

PARAGUAY

Eliminan restricción para carne a Chile

24 de Junio de 2017 El Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) dejó sin efecto el registro de establecimientos ganaderos y registro de veterinarios para certificación preembarque de ganado bovino, así como el uso del Coibfe Electrónico, para animales cuyas carnes serán destinadas para la exportación a Chile. Esto debido a que ese país reconoce a Paraguay como libre de fiebre aftosa con vacunación. Con esto la carne a ser exportada a Chile podrá provenir de cualquier establecimiento ganadero registrado en Senacsa y sin ningún tipo de restricción de carácter sanitario o administrativo.

Resaltan presencia de la carne paraguaya en mercado taiwanés

24 de Junio de 2017 La Embajada paraguaya en la República de China (Taiwán) llevó a cabo este miércoles pasado una degustación de carne vacuna de nuestro país en Taipei, siendo esta la primera vez que se hace algo así desde la apertura del mercado taiwanés a este producto nacional, ocurrida en el 2005, informaron ayer fuentes diplomáticas.

La degustación se realizó en el Grand Mayfull Hotel de Taipei, capital de Taiwán, con la presencia de varias autoridades e invitados especiales (gentileza). / Gentileza

El objetivo de la reunión, que convocó a empresarios y autoridades, fue el de fortalecer y consolidar la presencia de la carne paraguaya en el mercado de Taiwán. La degustación se dio mediante una colaboración entre la Embajada paraguaya, los principales empresarios taiwaneses importadores de dicho rubro, la Cámara Paraguaya de Carne y el Frigorífico Guaraní.

Participaron varias autoridades de Taiwán, miembros del cuerpo diplomático y de oficinas representativas, según los datos.

Los empresarios destacaron que por primera vez la carne bovina paraguaya se encuentra a la venta al público con opción de compra en línea, a través de una de las empresas importadoras. Asimismo y aprovechando la Feria de Alimentos de Taipei 2017, la Embajada nacional programó la degustación de la carne paraguaya durante dicha feria, los días 22 y 24 de junio, dirigida al público en general. La exposición tiene lugar en el Centro de Exhibiciones Nangang de Taipei, resalta el informe entregado.

UNIÓN EUROPEA

Ganaderos irlandeses contra UE – Mercosur después de la medida aplicada por USDA a Brasil

27 June 2017 EU - Reacting to last week's decision by the USDA to ban fresh Brazilian beef, IFA National Livestock Chairman Angus Woods said the EU authorities have to take note of this decision and remove beef from any Mercosur deal.

"Irish and European farmers will be rightly questioning how EU negotiators can continue to engage with the Mercosur countries given this decision by the USDA.

"The Department of Agriculture in the US has suspended all imports of fresh beef amid 'recurring concerns' about the food safety of the product," said Mr Woods.

Mr Woods said the EU Commission FVO (Food and Veterinary Office) has undertaken a number of investigations on standards in Brazil and he called for these reports to be published immediately.

Mr Woods challenged the Commission on the issue of standards saying that the Mercosur countries had consistently failed to meet EU standards on the key issues of traceability, animal health and welfare controls, the ban on hormone growth promoters, and environmental controls.

US authorities have recognised that there is a problem and have insisted that consumers cannot be exposed to food products that do not meet US standards.



Mr Woods said he met with the EU Commissioner for Health and Food Safety Vytenis Andriukaitis in Dublin recently and reiterated the IFA's strong views on the Brazilian meat scandal.

"Since the Weak Flesh scandal story broke in the Brazilian media last March, the real story regarding the sheer extent and political involvement in the scandal and corruption is only beginning to emerge in Brazil," Mr Woods said.

TheCattleSite News Desk

ESTADOS UNIDOS

Prohibición al ingreso de carnes bovinas frescas procedentes de BRASIL

26 June 2017 - USDA announced Thursday night that it would suspend imports of all fresh/frozen Brazilian beef and this would likely be a point of discussion as markets opened Friday, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Before we touch on the cold storage inventory results, a couple of points on this topic. The announcement followed the delisting of five Brazilian plants earlier in the week. No beef from those five plants, whether fresh/frozen or cooked will be allowed entry.

The next step to ban all shipments of fresh/frozen beef came as USDA found the rejection rate of 11 per cent was far higher than the 1 per cent rejection rate from other markets. We do not know what the rejection rate was before the 100 per cent testing was put in place in late March.

Brazil was just granted access to the US market last fall and it had only recently started to ramp up shipments to the US. It is our understanding that with one exception, the rejections of Brazilian product were not due to food safety issues but product defects.

At this point Brazil does not account for a significant portion of the beef supply in the US market and the suspension has no real material impact on the US beef market as a whole. Keep in mind that at this point only fresh/frozen beef imports from Brazil are affected and cooked beef imports from the five delisted plants.

In April imports of all Brazilian beef were 17.1 million pounds and we think fresh/frozen was around 6.6 million pounds on a carcass wt. basis. This compares to monthly US beef production (cwe basis) of 1.96 billion pounds in April.

TheCattleSite News Desk 26 June 2017 US - As a result of recurring safety concerns about beef products imported from Brazil, the US Department of Agriculture (USDA) has imposed a ban on the products.

When US Agriculture Secretary Sonny Perdue made the announcement regarding the ban on Brazilian beef, National Cattlemen's Beef Association President (NCBA) Craig Uden said in a statement: "NCBA supports the action taken by Secretary Perdue to suspend fresh beef imports from Brazil.

"This action is the result of USDA's strong, science-based testing protocol of imported beef and this proves that our food safety system works effectively.

"NCBA supports USDA's commitment to science-based trade and its commitment to keeping our food supply as safe as possible."

Ganado en feed lots aumentarán existencias en agosto

28 June 2017 US - As of 1 June, the total inventory of cattle on feed in feedlots with +1000 head capacity was estimated at 11.096 million head, almost 300,000 head (+2.7 per cent) larger than a year ago, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

This was the first time since January 2013 that the inventory has surpassed 11 million head and the last comparable 1 June inventory was in 2012. On feed supplies have increased recently as feedlots in the last three months (Mar, Apr & May) have increased placements by 600,000 head vs. the comparable period a year ago.

So while the front end supply still looks relatively current, available inventory should start to increase in August. The 120-day inventory on 1 June was down about 9 per cent compared to the previous year.

The marketing rate in May was 17.7 per cent, faster than the previous years and in line with the five year. Based on fed cattle slaughter so far in June, we think the marketing rate in June was near 18 per cent, surpassing both last year and the five year average. Robust marketings and the seasonal decline in placements in February have contributed to the tight front end supply.

While there has been a lot of talk about the surge in Mexico cattle imports recently, at this point it looks like larger domestic calf supplies rather than big imports are the main reason for the surge in placements.

During the 13 weeks in Mar, Apr and May, imports of feeder cattle from Mexico were 336,983 head, about 34,000 head more than the previous year. However, imports of feeder cattle from Canada during this period were down by a little over 50,000 so overall imports of feeder cattle in the last three months are down compared to the same period a year ago.



Marketings in July and August remain key although at this time it appears futures are trying to price in a possible slowdown in retail beef features and slower product movement. While this is possible, there are also a number of factors that should continue to support beef demand this summer.

Consumer income growth remains good, the unemployment rate is substantially lower and higher equity/housing markets have bolstered both household balance sheets and overall consumer confidence.

Retailers were quite adept at promoting beef this year, in part because lower prices last fall and early this year provided an opportunity to do so. Also, beef provides the opportunity to book higher dollar sales while holding the meat margin together.

Beef packer margins at this point remain excellent and this has encouraged them to maximize fed cattle slaughter. Total cattle slaughter last week was reported by USDA at 632,000 head, 4 per cent higher than the previous year.

One of the issues that some readers have brought up, and its quite valid, is that more recently the first USDA estimate of cattle slaughter has fallen well short of the actual. For those not following the cattle market as closely, USDA provides an estimate of daily slaughter based on numbers reported by larger plants.

In two weeks, USDA will issue the actual slaughter numbers (the same report that also includes cattle weights) which tabulates all the slaughter data reported by USDA inspectors from all plants.

For the week ending 10 June, fed cattle slaughter was 512,000 head, almost 12,000 head (2.4 per cent) higher than the initial estimate. Since March, the shortfall in first estimate reporting vs. actual has averaged 6,657 head/week.

Impacto de las exportaciones hacia CHINA

Buenas perspectivas para los ganaderos estadounidenses

By Brian R. Williams, Mississippi State University June 28, 2017 | Negotiations with China regarding the details of an agreement to ship U.S. beef to China have been ongoing for the last few months, and were finalized on June 12. It didn't take long for the Greater Omaha Packing Company to take advantage. On June 14, the beef packing company sent the first shipment of U.S. beef to China in 14 years. This presents a tremendous opportunity for U.S. beef producers. China is the world's second largest economy, and has a rapidly growing middle class. As China's middle class grows, so will China's demand for animal proteins.

Despite gaining access to what will likely become one of the world's largest importers of beef, the trade deal does come with its caveats. Any beef that is shipped to China from the U.S. must meet a few requirements. First, all beef must be less than 30 months of age. That requirement isn't much of a problem, as the majority of beef coming out of U.S. feedlots easily falls under the age of 30 months. Second, the cattle must be traceable to its place of birth, and finally, the cattle must be free of growth promoters. These last two requirements are a bit more complicated. The U.S. does have an animal identification system in place in the form of the National Animal Identification System (NAIS), however according to a study conducted by the USDA's Economic Research Service, only about a quarter of beef producers nationally are participating in the NAIS. The USDA also has requirements in place related to animal traceability, but the rule only applies to cattle over the age of 18 months that are moved across state lines. In other words, a significant portion of the cattle moving through feedlots across the U.S. are not included in any sort of animal identification system.

The final obstacle that U.S. exporters need to overcome to ship beef to China is that the beef must be growth promotant free. According to the Foreign Agricultural Service (FAS), about 90% of feedlot cattle are given hormones, and close to 100% of the cattle on larger commercial feedlots are given growth promotants. This requirement, in addition to the age and source verification requirement, substantially cuts down on the amount of beef that qualifies for export to China. In the short term, this likely means that potential exports of U.S. beef to China will be somewhat limited. In the long term, prospects are much better. Now that we have our foot in the door, it is likely that a market will develop for beef specifically designated for export to China. The process will start at the top of the beef supply chain and work its way down, beginning with the beef packing industry offering a premium for cattle meeting all of the requirements from feedlots. Feedlots will then start offering a premium to cow-calf producers for feeder cattle that have been age and source verified. As the market for exports of U.S. beef to China grows and becomes established, the long term impact should provide a substantial boost to U.S. beef exports as well as a boost to cattle producers' profitability.

By Sara Brown, Livestock Digital Producer June 28, 2017 Excitement abounds for new beef market access in China, but qualified supplies remain tight. Beef leaders say full access to market channels will take time to develop.

"China has tremendous potential for this industry, but it's a long-term project," says Derrell Peel, economist, Oklahoma State University. "We've got access and now we know the details. There are some restrictions in the short run that really limit the available supply. More importantly, now the market can start



to work. Over time we'll figure out what the restrictions are for specific products and those relations will develop."

Cattlemen were quick to celebrate the major win—within hours of reopening Chinese markets to U.S. beef on June 12, steaks were on the way. On June 14, Greater Omaha Packing Company sent their first shipment of 40 boxes of ribeyes, tenderloins and New York strip steaks by air freight to a customer in Shanghai.

"We want to know how the process works," Dan Jensen, Greater Omaha vice president of sales and marketing, told the Lincoln Journal Star. "This will be the first of many shipments."

Beef exported to China must meet several qualifications, such as being derived from cattle born, raised and slaughtered in the U.S.; traceable to the farm of birth; and derived from cattle less than 30 months of age. China also bans the use of growth promotants, feed additives and chemical compounds, and will conduct residue testing at port of entry.

Product will need to be raised to meet these specifications, starting at the cow-calf level to move through the system, says Katelyn McCullock, economist, American Farm Bureau Federation. "Only a small proportion of commercial beef production would fit the current parameters surrounding this protocol. The premium attached to the Chinese market must warrant those changes."

China's demand for high-quality beef is substantial.

"We know some U.S. beef has been getting into China unofficially for several years," Peel says. This means packers might have an idea of what the demands of the process will be; however, it might change when it's legitimate business, he says.

"We might see some significant numbers in the first months—merely as those unofficial supplies convert into legal flows. So we could see export numbers for China look relatively large and appear impressive, but we have to check to see it's not off-setting something that has been shipped through Hong Kong, Vietnam or other places," Peel says.

China's market halted in 2003 when the U.S. investigated a case of bovine spongiform encephalopathy (BSE) from an imported dairy cow. Up to that point, the U.S. was China's largest supplier of beef. In 2016, China imported beef products (mostly from Australia) worth up to \$2.5 billion.

"I think we're talking about a multi-year process to really see the potential for this market," Peel says. "We will see this market expand in 2017 and throughout 2018."

"Right now, it's going to cost more to get ready for this market and to get qualified, relative to the value of the products we are sending over there," he adds. "But there is tremendous opportunity to grow this market. It just doesn't happen immediately."

Principales abastecedores compiten por la carne de origen estadounidense

TheCattleSite News Desk 29 June 2017 CHINA - China's major e-commerce platforms are racing to be the first to put US beef under their online sales portfolio, with the arrival of the first commercial shipment of the meat and its products to China due over the weekend, marking the end of a 14-year import ban.

Womai.com, the online platform run by the country's largest food trader China National Cereals, Oils and Foodstuffs Corp, has stood out as the champion with its offering of 301 kilograms of ribeye since last Friday, China Daily reports.

Limited to residents of Beijing only, mainly because of the small amount, the beef is priced at 38 yuan (\$5.6) for 180 grams as a group purchase special, almost 50 percent higher than a similar deal for Australian beef with the same cut and size. More than 1,500 orders have been placed over the past five days.

"The supply team of COFCO has been working closely with US partners and traveling to the US to guarantee the quality of the imported meat is in compliance with the regulations," said the company in a statement released on Monday.

According to the final trade deal agreed by the two governments in May, US beef exported to China must come from cattle no older than 30 months old and free of any hormone, ractopamine or other chemicals forbidden by Chinese law.

The management team of COFCO noted that the high standard has decided the US beef sold in China at the moment could be only of premium price range and cater to a niche clientele. That is also why the group, which also has an expansive retail network offline, chose to sell the meat on their e-commerce platform only, which is mostly visited by well-off office workers and middle-class families.

Yiguo.com, a fresh produce e-commerce platform backed by Alibaba Group Holding Ltd, is following as the first supplier in Shanghai with an offering of one metric ton of US beef, varying from Sirloin to ribeye. The meat is currently under the inspection and quarantine of local customs, and is expected to get approval and be available by the end of this week.



JAPON: suben precios de las carnes origen americano

TheCattleSite News Desk 29 June 2017 JAPAN - Prices of American beef used in meals like beef bowls and shabu-shabu hot pot have jumped in Japan amid strong demand here and a soaring appetite for the meat in the US.

Wholesale prices of American short plate cuts came to around 755 yen (\$6.70) per kilogram in late June, up 34 per cent on the year.

Price increases that began at the end of last year have accelerated since spring to stand roughly at a high recorded in April 2015, just prior to a plunge caused by Hong Kong's beef import ban.

According to Nikkei Asian Review, with US production struggling to keep up, prices likely will remain high for the near future.

About 90 per cent of beef produced in the US is sold domestically.

More producers of items such as hamburgers, which typically use cheaper Australian beef, are lifting their ratios of American beef, encouraged by robust consumer spending, according to trading companies and other sources.

Yet Japanese beef consumption also is strong. The country's three major beef bowl restaurant chains boosted existing-store sales year over year for May.

The "use of beef became more widespread in restaurant industries in the US and Japan" starting in 2015 as excess supply made beef a relative value compared with pork, said Sojitz Foods' beef department.

Furthermore, the US beef supply has hit a low as producers and meat processing companies rushed to sell their large stocks, anticipating that such heavy supplies could bring a price drop later in the year.

Shipping cattle for slaughter before they were fully grown exacerbated the current shortage.

Beef bowl restaurant chain Yoshinoya Holdings predicts an increase in Southeast Asian beef imports due to economic growth.

And if "high prices continue, restaurants may switch to using pork starting in the fall," a major meat wholesaler said.

Prices were expected to soar even higher with American beef exports to China set to resume after a long hiatus.

But estimates show that only 5-10 per cent of US-produced beef complies with Chinese rules, so the impact likely will be limited.

China requires US beef to be traceable and free of growth hormones, a document released by the US Department of Agriculture this month shows.

But growth hormones are used commonly in the US, and enormous stock numbers make it difficult to trace each cow's birth farm.

USMEF organiza evento de promoción en Milán, ITALIA

TheCattleSite News Desk 26 June 2017 - Demonstrating US beef's continued interest in the European retail sector, USMEF partnered with Giraudi, one of the region's largest importers and distributors, to promote US beef at the TuttoFood show in Milan, Italy.

Funded by the Beef Checkoff Programme, USMEF's efforts included sharing product information and fielding inquiries from professionals in Europe's food and beverage industry.

A meat case inside USMEF's booth at the TuttoFood show displayed US beef aimed at the European retail sector.

USMEF Senior Vice President for Trade Access Thad Lively's attendance at the show allowed him to discuss the status of the EU's duty-free beef quota and other market issues with visitors to USMEF's display.

Monty Brown, USMEF representative in the region, said a majority of the visitors to USMEF's booth were from Italian and French companies, though all 28 European Union member states were represented at the event. Having a presence at the biennial show came at a crucial time, he added.

"We saw this as an opportunity to re-emphasize to retailers and other players in the European market that the US beef industry remains committed to the EU," said Mr Brown.

"This message is of particular importance today, as the US and the EU are going through another round of discussions related to beef trade and the duty-free is being exhausted before the end of the period. Such situations can create uncertainty among market players."

The TuttoFood Show confirmed that high-quality beef is winning favor in Europe, and USMEF plans to keep US beef well-represented in the market.

Despite these market challenges, USMEF was pleased to see US beef featured at many of the exhibition stands at TuttoFood – either as primal cuts for wholesale and HRI, or as portion-control steaks for retail companies.

"It seems European consumers have become aware of the high-quality beef available in the market and are now keen to see those products represented in their local retail chains," said Mr Brown.



"From USMEF's perspective, the next step is to take this consumer trend and provide a much wider representation of US beef in the EU retail sector through partnerships with distributors and retailers."

USMEF met with retailers and managers in Europe's HRI sector to discuss trade and US beef at the TuttoFood Show

At TuttoFood, USMEF spent time with smaller companies who are selling US products – from burgers to steaks – and discussed marketing ideas to help move more of them.

Mr Brown explained that it is important to remind EU companies that US pork is also available, and USMEF distributed pork brochures and other information on US pork at TuttoFood.

INDIA – Medida prohibiendo comercialización de Ganado para faena

Revisarán la medida

27 June 2017 INDIA - The Union government has decided to revise the controversial livestock market regulations that banned sale of cattle for slaughter in open markets across the country. There has been confusion ever since these new rules under the Prevention of Cruelty to Animals Act were notified on 25 May. But, the administrative process to revise these could take some time.

The environment ministry plans to kickstart a review of the rules by consulting state governments in July. On 11 July, the Union environment, forests and climate change ministry will inform the Supreme Court that it is going to sit with the states, particularly the ones that have complained against the regulations, to address their concerns.

The Union government has internally acknowledged that the rules require a revision and will inform the apex court that the review is underway, two senior officials told Scroll.in. "There is a case for amending them," said one of them. Neither of the officers wished to speak on record.

The controversial regulations, known as Prevention of Cruelty to Animals (Regulation of Livestock Markets) Rules, 2017, put the onus on both potential sellers and buyers to ensure that cattle – cows, buffaloes, bullocks, calves and camels – sold at animal markets are not slaughtered. They also set in place a deep bureaucratic process to oversee and regulate the cattle trade at markets.

Rethinking regulations

The rules instantly generated controversy and opposition. But, the Bharatiya Janata Party (BJP), which had initially defended the regulations rather staunchly, softened its stance after shrill protests from its own leaders in the North East. The party, however, continued to blame opposition parties and others for sowing confusion about the rules. But, at the same time, the Union environment minister Harsh Vardhan recalibrated the government's stance.

"The order has been misunderstood. We will put the positive action in place to address every concern," he told the Times of India. When asked if that meant an amendment to the regulations, he stated, "We need to see whether it would be done through language or substance. We are critically examining all the issues. I think it would be premature to spell it out at this moment."

Earlier, on 30 May, the Madurai bench of Madras High court imposed a stay on the implementation of the rules. The stay became applicable across the country. Thereafter, the Supreme Court agreed to hear two petitions against the cattle trade rules and asked the Centre to respond. The case is slated for hearing on 11 July when the environment ministry will clarify its position.

Officials speaking to Scroll.in said that it was understood within the government that the only one way to address the concerns raised by different stakeholders was to amend the regulations. The ministry would do so, the officers said, but it would go through a consultative process this time around.

"While the regulations were put out for comments as mandated by law before formal notification," said one official, "the environment ministry did not proactively consult state governments, which is the usual practice. Several of them wrote to us later and we shall inform the Supreme Court that we are going to address their concerns."

The second official added that the problem went beyond what made headlines. "Not just the ban on sale of cattle for slaughter at animal markets but some other provisions of the regulations too could be termed as draconian," this officer added.

"The rules quite literally put an end to the role of intermediaries in the trade of cattle for slaughter. They require owners to sell directly to those buying cattle for slaughter. But, the situation of many farmers and economics of cattle trade essentially requires aggregators, intermediaries and transporters."

In contrast to the emerging clarity and an admission of error within the government, the constant and careful hedging by the BJP in public reflects its political compulsions. The rules stretch far beyond the party's cow protection agenda to choke trade of buffaloes as well. In the past, the party has run shy of proactively defending trade of buff (buffalo meat) while seeking a ban or restriction on cow slaughter, which critics believe is also targeted at Muslims.

"I cannot comment on the political consequences of retaining or amending the regulations," said the official. "But I can tell you the government is concerned about how it will impact people," he added.



Different motivations

The rules came into being more from a tangle of individual interests at the political level in the government rather than a clear political intent of the party.

As has been reported, the foundation of the rules lay in a Supreme Court case about cattle smuggling across the national boundaries. The petitioner in the case was Gauri Maulekhi, who works at People for Animals, a non-profit organisation headed by Women and Child Development Minister Maneka Gandhi.

"During the case the Animal Welfare Board of India through its lawyer also presented a draft of these rules to the court," explained an official. "At that stage the draft rules had not been cleared by the ministry."

Although the board is administratively controlled by environment ministry and has officials on board it tended to act independently at that time, the officer explained.

"The Supreme Court in its orders did say that the government should notify the livestock market regulations but the ministry had the mandate and legal space to scrutinise them thoroughly and not just accept the Animal Welfare Board draft," he added.

But the draft, prepared by the Animal Welfare Board of India, lingered in the ministry for more than a year without a proper scrutiny and eventually got an unqualified approval from the then Environment Minister Anil Madhav Dave.

"Mr Dave cleared it quickly even in midst of his illness but yes, officials too perhaps did not red flag some of the serious concerns that have now emerged," said the official. The minister passed away from a second heart stroke soon after approving the notification of the rules and Harsh Vardhan is now in saddle. The saddle is strapped to an animal that his party now finds difficult to ride and just as difficult to dismount.
TheCattleSite News Desk

Primer Ministro condena violencia luego del linchamiento de una persona acusada de consumir carne bovina

(Jun 29, 2017 NEW DELHI (Reuters) - Indian Prime Minister Narendra Modi on Thursday broke his silence over a wave of attacks on people accused of eating beef or slaughtering cows, saying that killing in the name of an animal sacred to majority Hindus was wrong.

Modi was speaking a week after a 16-year old Muslim boy was stabbed to death on a train on suspicion of possessing beef, the latest of an estimated 28 people killed in cow-related violence since 2010.

Most of the victims were killed after Modi and his Hindu nationalist party won elections three years ago.

"Killing people in the name of 'gau bhakti' is not acceptable," he told a crowd at a Hindu ashram, or place of meditation, referring to cow worship.

"No person in this nation has the right to take the law in his or her own hands," he said at the ashram dedicated to the father of the nation and pacifist Mahatma Gandhi, in Modi's home state of Gujarat.

Modi said protecting cows was right, but it should be done legally.

The slaughter of cows is banned, and the consumption of beef restricted, in most Indian states. But millions of people in the minority Muslim and lower-caste Hindu communities depend on work in the meat and leather industries.

Since coming to power, Modi has found it difficult to balance the competing demands of Hindu right-wing groups - some linked to his party - intent on promoting a Hindu ideology and protecting cows, and promoting development and an image of a modern, secular India befitting its growing economic influence. On Wednesday, small protests were held in several cities to denounce the lynchings and to pressure the government to do more.

Critics and opposition politicians have accused Modi of failing to condemn the violence and the so-called cow protection groups, some with links to his party, accused of fomenting the attacks, a charge the prime minister's Bharatiya Janata Party denies.

"I am glad that the prime minister finally came out and said something, but it is not enough. We have to put our money where our mouth is. We want action," said a senior leader of the opposition Congress party, Renuka Chowdhury.

"The ground reality is something else. What is the government going to do? What action plan do they have ... Are we to live in terror?" she asked.

Vigilante groups that seize cows from people they accuse of illegally transporting them, or sending them for slaughter, have stepped up operations across India in recent years, rattling members of religious minorities.

Allegations that Modi will edge towards redefining India as a Hindu nation were reignited in March when he appointed a hardline Hindu priest as the chief minister of India's most populous state.

Yogi Adityanath, who has since launched a crackdown on illegal abattoirs, has a history of agitation against Muslims.

Modi's party has consistently said it does not make any distinction between citizens on the basis of religion. Muslims make up 14 percent of India's 1.3 billion people.



Impacto sobre el resto de los exportadores de carnes bovinas del mundo

30 June 2017 - Brazil has exceeded India as the world's biggest exporter of buffalo meat, thanks to the recent ban imposed on the sale and transportation of live animals across the country.

According to Business Standard, data compiled by the Centre for Monitoring Indian Economy showed India, Brazil and Australia together had 58.7 per cent of the world beef market in 2015, with India the highest at 23.5 per cent (up from 20.8 per cent in 2014), followed by Brazil and Australia.

However, effective 26 May, the Union environment ministry imposed a ban on sale and purchase of cattle for slaughter at all animal markets. It led to closure of slaughter houses, an already ongoing process — for instance, after the change in government of Uttar Pradesh earlier in the year, this was already happening.

"The entire work is at a standstill. After banning sale of live animals, their transportation has also been attacked by groups of people in various states. So, not only sale and purchase but also slaughtering and export of buffalo meat has stopped.

India has, therefore, lost almost the entire buffalo meat export market to Brazil, Australia and the US. Of this, Brazil will gain the most," said Arshad Ali Quddus, proprietor of Al Quddus Sons International, a Delhi-based buffalo meat exporter.

Data compiled by the Agricultural and Processed Food Products Export Development Authority (Apeda) showed India's buffalo meat export at 1.33 million tonnes worth \$3.93 billion for 2016-17, from 1.31 mt valued at \$4.07 bn the previous year.

About half the export went to Viet Nam, followed by Malaysia (10 per cent) and Egypt (eight per cent). Apeda says export declined by 11.4 per cent from a year before to 86,119 tonnes this April, first month of the 2017-18 financial year.

Uttar Pradesh (UP), with 28 per cent of the buffalo population, was the leading buffalo meat producing state, followed by Maharashtra and Tamil Nadu.

Of 41 slaughter houses in Maharashtra, says R R Kamble, deputy commissioner of animal husbandry at the Government of Maharashtra, only 11 Apeda-registered ones are operational.

The Madurai bench of the Madras High Court has stayed the central government's banning of sale of live animals.

Hence, trading and slaughtering of animals in some parts still continues. With the end of the Ramzan month, demand for buffalo meat has surged across the country, to Rs 220 a kg, around 40 per cent up from pre-ban days.

VARIOS

COREA DEL SUR: importante aumento de las importaciones a mayo de 2017

27 June 2017 Imports of foreign beef have risen in the first five months of this year as consumers seek less expensive meat amid the sluggish pace of economic recovery and the anti-graft law which limits gifts that can be given to public officials, teachers and journalists.

The Korea Herald reports that the law, which took effect in September, bans certain people from getting free meals over 30,000 won (US\$26.4), gifts worth more than 50,000 won or congratulatory or condolence money exceeding 100,000 won.

Foreign beef imports soared 8 per cent to 170,176 tons for the January-May period from a year earlier, according to the data by Statistics Korea.

US beef imports moved up 7.5 per cent to 63,027 tons from 58,610 tons while Australian beef shipments dipped 0.2 per cent to 80,713 tons from 80,891 tons.

Industry sources attribute the surging foreign beef imports to consumers shying away from expensive Korean beef.

"A growing number of consumers are seeking US beef as an alternative to pricey Korean beef and we expect meat from America will soon regain its No. 1 foreign beef status," a source said.

US beef was the foreign beef with the most market share in Korea until the early 2000s when US beef imports were banned due to the mad cow disease outbreak in the North American country.

US beef imports resumed in 2008.

Australian beef imports have been shrinking in recent months after a drought Down Under in 2015 which reduced the number of cattle there and raised Australian beef prices.

TheCattleSite News Desk

ZIMBABWE brote de aftosa impide las exportaciones

30 June 2017 - Zimbabwe will not be exporting beef anytime soon because of regular outbreaks of foot-and-mouth (FMD) disease and government does not have resources to eliminate the disease, according to deputy Agriculture Minister Paddy Zhanda.



The southern African nation has experienced regular outbreaks of FMD — a highly contagious disease of cloven-hoofed animals — in recent times in cattle-rich regions of Matabeleland and Midlands, which killed hundreds of cattle in those regions over the past four years, The Insider reports.

"Zimbabwe will not export for the meantime because of foot-and-mouth and we don't have resources to deal with. (It is government's responsibility to deal with diseases like) foot-and-mouth and newcastle but we do not have that capacity," Mr Zhanda told delegates at the on-going Zimbabwe National Chamber of Commerce annual congress in Victoria Falls yesterday.

Zimbabwe needs to achieve a FMD-free zone status before resuming exports.

In 2015, it procured and delivered over 450,000 doses of vaccine to different parts of the country where there is active FMD infection.

Mr Zhanda said the private sector should start financing operations to eliminate the diseases, he added.

"We have to find a formula. The private sector must come in and start financing their own operations," he said.

Zimbabwe suspended beef exports to the European Union and other countries in 2001 when the state-owned Cold Storage Company, at one time the largest meat processor in Africa, collapsed due to persistent outbreaks of FMD.

The EU was Zimbabwe's main beef export market, followed by South Africa, with which it had an agreement for an annual export quota of 5,500 tonnes.

EMPRESARIAS

BRF y Minerva evaluarán nuevas inversiones en el sector

Fonte: Estadão, adaptada pela Equipe BeefPoint.28/06/17 - por Equipe BeefPoint Enquanto a JBS tenta se desfazer de ativos, as concorrentes BRF e Minerva Foods estão de olho em novas aquisições conjuntas no mercado de bovinos. O interesse vem na esteira da delação dos irmãos Batista, que deu uma nova dinâmica ao segmento.

A BRF tem 12% da Minerva e, mais do que nunca, não pretende se desfazer dessa participação, obtida em uma transação ocorrida em 2013. Recentemente, a Minerva adquiriu as operações de carne da JBS na Argentina, Paraguai e Uruguai por US\$ 300 milhões. O negócio, contudo, foi bloqueado por decisão da justiça federal e está em compasso de espera.

Procuradas, as empresas não comentaram sobre eventuais aquisições.

JBS crea un comité ejecutivo ante presión del BNDES

30/06/17 - por Equipe BeefPoint Em meio à pressão do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) pela "profissionalização" do comando da JBS, a companhia anunciou no fim da noite de quarta-feira a criação de um "comitê executivo" para assessorar o conselho de administração em decisões estratégicas como a venda de ativos.

A medida pode ser uma alternativa para que o empresário Wesley Batista se mantenha no comando da JBS caso tenha que deixar a presidência da companhia. Além de Wesley, fazem parte do comitê executivo Tarek Farahat, presidente do conselho de administração da empresa, e Gilberto Xandó, membro do conselho de administração da JBS e presidente da Vigor Alimentos.

O conselho de administração da JBS tem até hoje para apreciar um pedido do BNDES – segundo maior acionista da empresa, com participação de 21,3%, – para convocar assembleia extraordinária de acionistas, que pode decidir pela saída da Wesley Batista da presidência e do conselho.

No fato relevante enviado ontem à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a JBS informou que cabe ao comitê executivo assessorar a diretoria na "revisão de propostas de aquisição, investimentos, desinvestimentos, associações e alianças estratégicas".

O comitê executivo também vai assessorar a diretoria da companhia na gestão e na elaboração e revisão do orçamento plurianual e anual. O novo órgão atuará ainda na "orientação geral sobre os negócios, inclusive sugerindo a adoção de políticas, diretrizes e ações estratégicas", informou a JBS.

A empresa anunciou ainda na quarta, a eleição de Cláudia Santos e André Janszky para seu comitê de governança. Cláudia é conselheira da JBS indicada pela BNDESPar. Advogado, Janszky é consultor independente em governança corporativa e anticorrupção.

Também foi aprovado o plano de trabalho do programa de compliance "Faça sempre a Coisa Certa", proposto pelo diretor global de compliance da JBS, Marcelo Proença, contratado recentemente.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

JBS cuestiona la medida judicial que impide la venta de activos

30/06/17 - por Equipe BeefPoint Os irmãos Joesley e Wesley Batista, donos da JBS, apresentaram nesta quinta-feira (29) ao Supremo Tribunal Federal (STF) reclamação na qual questionaram a decisão de um juiz que proibiu a empresa de vender ativos nos países do Mercosul.



A JBS foi proibida pelo juiz Ricardo Leite, da 10ª Vara Federal de Brasília, de vender subsidiárias na Argentina, no Paraguai e no Uruguai para empresas controladas nesses países pela Minerva.

Joesley e Wesley Batista fecharam acordo de delação premiada com o Ministério Pùblico Federal no Âmbito da Operação Lava Jato.

No recurso ao STF, os irmãos argumentaram que o juiz de Brasília contrariou o Supremo ao não observar o acordo de delação premiada, que não prevê esse tipo de vedação.

O caso será analisado pelo ministro Luiz Edson Fachin, relator das delações da JBS no Supremo.

Fonte: G1, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Walmart lanzó programa AAA Angus Beef en CANADÁ

26/06/17 - por Equipe BeefPoint Desde 11 de maio de 2017, o Walmart lançou seu novo programa no Canadá para carne de Angus de alta qualidade – o Canadian AAA Angus Beef.

O Walmart divulgou uma declaração dizendo que isso sinalizará um compromisso adicional do varejista ao oferecer carnes frescas de alta qualidade e produzir a preços acessíveis.

Fred Taylor, que é responsável pelos serviços de classificação da Cargill Foods e pela nova planta Harmonie Beef Plant em Balzac, disse que como o programa é estritamente AAA, é muito muito difícil cumprir todos os seus requisitos.

"Então, aqui está outra grande rede que entra no mercado AAA. Eu falei durante muitos anos, que nunca haveria uma abundância de gado AAA para o qual não há uma venda".

Ele acrescenta que o Walmart se igualou a algumas das outras lojas de varejo de ponta. No futuro, Taylor espera que a diferença entre os preços do gado AAA e do gado AA aumente.

O Walmart Canada opera 410 lojas em todo o país, atendendo a 1,2 milhão de clientes por dia.

Fonte: <https://lacombeonline.com>, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

ABC News habría llegado a un acuerdo extra-judicial con la empresa estadounidense BPI

By Wyatt Bechtel June 28, 2017 A settlement has been reached by ABC News and Beef Products Inc. (BPI) in the \$5.7 billion lawsuit filed against ABC for a story that allegedly misled consumers and caused three beef processing plants to close in 2012.

It is not clear how much money BPI was awarded by ABC as terms of the settlement are confidential.

"We are extraordinarily pleased to have reached a settlement of our lawsuit against ABC and Jim Avila," according to a statement from BPI. "While this has not been an easy road to travel, it was necessary to begin rectifying the harm we suffered as a result of what we believed to be biased and baseless reporting in 2012."

ABC ran a series of news stories on lean finely textured beef (LFTB) allegedly making errors and omitting information from BPI in their reporting.

According to a BPI accounts, the stories ran by ABC called the product "pink slime" 137 times. BPI alleged the network was intending to do harm when it referred to the product as "pink slime."

Grocery stores and schools stopped using LFTB in ground beef forcing the shutdown of processing facilities in Kansas, Texas and Iowa. Revenues for the company dropped by 80%.

In a statement ABC says the settlement was "amicable resolution."

The ABC statement went onto say, "Throughout this case, we have maintained that our reports accurately presented the facts and views of knowledgeable people about this product. Although we concluded that continued litigation of this case is not in the Company's interests, we remain committed to the vigorous pursuit of truth ant the consumer's right to know about the products they purchase."

The lawsuit filed by BPI sought \$1.9 billion in damages and under South Dakota's Agricultural Food Products Disparagement Act the value would triple to \$5.7 billion. The trial began on June 5 in Elk Point, South Dakota and was expected to last eight weeks. The settlement was reached 3.5 weeks into the trial.

"Through this process, we have again established what we all know to be true about Lean Finely Textured Beef: it is beef, and is safe, wholesome, and nutritious," BPI statement says.

URUGUAY Frigorífico Florida estima retomar sus faenas en diciembre

28/06/2017 - Grupo inversor ya accedió a préstamo del Banco República. El consorcio de capitales venezolanos, italianos, chinos y uruguayos que está reflotando la planta de Frigorífico Florida (Clademar S.A.) —tras la compra de la empresa en abril de 2014— espera retomar la faena de bovinos en diciembre, tras la puesta a punto de la planta que tendrá varias mejoras, según confirmó Faxcarne en base a fuentes. El Clademar S.A. está cerrada desde 2010 y estaba en manos de capitales angoleños y uruguayos, llegando a representar el 1,2 % de las exportaciones del sector cárnico de Uruguay en 2008, por un total de US\$ 16 millones.

El nuevo propietario es un consorcio conocido como grupo Zambrano — con capitales venezolanos, chinos, italianos y de otras nacionalidades— accedió a un préstamo del Banco de la República,



transfiriéndose en una primera instancia US\$ 600 mil de los US\$ 8 millones solicitados y a medida que avancen las obras, el BROU irá aportando otras partidas, según confirmó Faxcarne esta semana.

El dinero está destinado al mejoramiento edilicio y a su acondicionamiento, pero también se apunta a actualizar la maquinaria del frigorífico. El grupo empresarial ya comenzó los trámites de importación de los repuestos de la maquinaria instalada.

El frigorífico cuenta con habilitación para exportar carne bovina a terceros países, pero la meta es lograr embarcar a la Unión Europea y Estados Unidos, entre otros mercados de interés y para lograr las habilitaciones hace falta dotarla de mayor tecnología para el procesamiento y almacenamiento de las reses. Con las obras, el frigorífico apuntará a faenar 500 reses diarias.

Si bien en un principio los inversores estuvieron en diálogo con otros industriales y manejaron la posibilidad de generar una sociedad o arrendar la planta —incluso, industriales locales estuvieron recorriendo las instalaciones del frigorífico Florida—, en esta primera etapa el negocio de faena, compra de ganado y la producción serán manejadas finalmente por el grupo venezolano, confirmó Faxcarne.

La intención del grupo Zambrano era dejar operativo el frigorífico para octubre, pero las obras se retrasaron.

Los empresarios y sus técnicos estuvieron reunidos en INAC hace dos meses y en aquel entonces comentaron que comenzarían con las obras de remodelación de la empresa. La seguridad jurídica de Uruguay, así como los mercados abiertos que tiene para la carne continúa atrayendo inversores.